

Signo dos Tempos

Sendo a liberdade uma necessidade de interesse coletivo, paradoxalmente nunca despertou uma vontade capaz de levar todas as classes sociais à luta pela sua conquista. Nas últimas décadas do século passado e primeiras do atual foi a instância em que, a classe operária viveu com maior intensidade os sentimentos dessa conquista, e assim vimos em todo o mundo, eclodirem grandes movimentos revolucionários, de caráter especificamente social que tiveram como origem e finalidade o respeito aos princípios morais, baseados no direito inalienável da liberdade do indivíduo e da coletividade. É justo que tivessem alcançado a conquista dos benefícios então reivindicados, pois foi sempre a classe trabalhadora a única a sofrer as injustiças, oriundas dos desequilíbrios sociais.

Lamentavelmente, observa-se, por todo o mundo, que os trabalhadores, na atualidade, contrariando os seus próprios interesses, assim como, os da humanidade, permanecem apáticos ante a realidade social, quando ao contrário a exemplo da classe dos intelectuais e estudantil, salvo algumas exceções, que ontem mantinham uma posição conservadora e algumas vezes até reacionária, hoje tomando posição de vanguarda, despertam para a luta em prol de uma humanidade livre e feliz. Tudo isto é assinalado pelos "expurgos" e prisões de intelectuais que estão acontecendo no âmbito internacional, tanto nos países totalitários dominados pelos princípios fascistas, como nos comunistas, ou seja, no Oriente e Ocidente, ao mesmo tempo que, pelas lutas que os estudantes vêm mantendo em todos os quadrantes do globo terrestre.

Já como consequência disto, observa-se que sua raiz é tão profunda que consegue transformações na política da Tchecoslováquia e Polônia, em que pese as manifestações contrárias de operários "domesticados" que tiveram efeito neste último; a demissão do Ministro da Educação da Espanha, depois do fechamento das Universidades de Madrid, Valencia e Santiago, as manifestações dos estudantes italianos e alemães e outros de menor importância.

O Brasil não ficou à margem dessa luta e as tentativas de "domesticar" o movimento estudantil, como foi feito com o operário, encontra a firme oposição e o repúdio de grandes núcleos dispostos a que isto não se torne realidade. Igualmente ocupam a vanguarda na luta por reivindicações que lhes dizem respeito como classe e como indivíduos.

Esta superação moral do jovem estudante e intelectual é digna de colaboração e encorajamento de todos, que ainda sem serem estudantes ou intelectuais, sentem na carne os problemas sociais e aspiram um desenvolvimento humano mais justo, livre e equitativo.

De acordo com as informações transpiradas de elementos da chamada "linha dura" militares estão procurando criar condições para que o Brasil seja regido por um regime de democracia limitada. Não é o nosso o primeiro país em que tenta colocar um adjetivo a uma situação que repele qualquer qualificativo.

Já temos no mundo as democracias populares (algo assim como dizer: preto, negro); a orgânica (Espanha) e outras denominações que só se dão em países em que a democracia, como realmente expressa taxativamente, a palavra, não existe.

Daí que este remendo, que se quer colocar aqui no Brasil à por demais empregada palavra, nos pareça suspeita e encobridor de tentativas totalitárias. Desgraçadamente a oposição parlamentar; a essa tentativa, da qual as cassações, fixação de faixas de segurança nacional, com evidente supremacia do poder militar sobre o civil, constituem o mais eloquente atestado, é limitada, e nossos políticos não se dão por chamados à luta... enquanto não ponham em perigo, de maneira coletiva, seus privilégios econômicos.

Queremos, expressar aqui, nosso repúdio a todos os que buscam por meio da violência física, calar a voz de protesto de uma geração que se revolta contra os falsos princípios e preconceitos morais, políticos e econômicos que regem os destinos da nossa velha e carcomida sociedade, na qual se baseiam os donos do poder.

A morte de MARTIN LUTER KING, e de estudantes, no mundo todo, não calarão este protesto, que é o nosso. As forças da reação para que isto aconteça terão que eliminar não um, dois ou três mártires, mas toda uma geração que não cala e nem consente.

HÁ HOMENS, QUE NO MUNDO VIVEM MORTOS, E HÁ MORTOS, QUE NO MUNDO VIVEM!



Protesto

idéias, crítica e combate

A liberdade não se ganha, conquista-se.

ANO I - NÚM. VI

ABRIL - 1968

PREÇO: NCR\$ 0,20

PMs Matam Estudante

Triste é saber que uma vida deixa de existir, principalmente quando tomba em pleno campo de batalha. Por este motivo nos enlutamos, enquanto uma dor nos machuca a alma e o sorriso some-se dos lábios; um jovem tombou.

Foi Edson Luiz de Lima Souto, quase um menino, na razão dos seus 18 anos, lutando por melhor alimentação, morreu; foi assassinado pelo governo.

Edson Luiz de Lima Souto, 18 anos, brasileiro, paraense, desarmado, está morto por um tiro, pela arma agressora e covarde de um P. M. Edson Luiz, quase menino, estudante pelo artigo 99, assassinado quando lutava por seus direitos dentro de uma democracia.

Enterro de mártir. Flores, hinos, bandeira nacional como mortalha. Choro e saudades. A Canção da despedida: "... No céu, na terra, onde fôr, viverá o nosso amor..."

Morte, revolta. Assassinato, protesto. Protesto, distúrbios, faixas, lemas, bandeiras, dizeres: "Aqui o corpo de um estudante morto pela ditadura". "Eis a democracia podre". Estudantes pedindo justiça pela morte de um colega.

Protesto, passeatas, discursos, discursos inflamados, bandeira queimada, passeatas reivindicatórias, por justiça. E cassetetes em troca, baixando, machucando, ferindo, revoltando; baionetas caladas, reluzindo, pedindo mais sangue. Helicópteros sobrevoando, patrulhando (com o dinheiro dos contribuintes) enervando o povo. A Cavalaria mobilizada, animais trotando e animais cavalgando de cassetetes em punho.

Providências do governo contra os distúrbios por ele mesmo causados, e tanques nas ruas. Manchetes nos jornais: "Elementos subversivos agitam o meio estudantil", uma desculpa à intimidação, à cegar os olhos de uma geração passadista e estática, mas que não iria o impeto e a revolta dos jovens.

Deputados da oposição, acomodados, também protestam e em Brasília sentem o gosto dos cassetetes da milícia. Demagogos, oportunistas e falsos líderes exploram os fa-

tos. Os burgueses artistas, também saem a rua para solidarizarem-se com os estudantes. E no meio deste mar de gente, cartazes e revolta, o repórter Vander de Castro escuta a interrogação de um menino: "Mãe o que é a Ditadura?..."

Uma camisa ensanguentada vira bandeira, uma morte vira símbolo, talvez a substituir o já batido e cansado mártir, o da "Libertas quae sera tamen". Talvez.

Revistas caras e coloridas a tentarem



EDSON LUIS de Lima Souto, quase um menino, na razão dos seus 18 anos, integrado na luta reivindicatória dos estudantes, encontrou a morte nas balas assassinas do governo.

despertar os pais estáticos: "Este poderia ser seu filho".

Mãe que chora uma lágrima pelo filho que esperava voltasse doutor. Mas uma bala apenas destruiu toda a ilusão, não só matou um jovem, mas na sua repercussão, também feriu uma mãe. E dona Maria Souto ficou sem Edson. Quem agora irá ensinar para ela tudo aquilo que o filho lhe ensinava, sobre o Brasil, liberdade, igualdade...

Missa de sétimo dia, orações, sermões bem escolhidos pelos padres da nova Igreja. Ainda protesto, ainda repressão e violência de uma milícia desumana.

No restaurante Calabouço uma bandeja a menos, menos um para engolir a fraca comida ali fornecida. Um lugar vago na mesa. Menos um auxiliar na limpeza do restaurante, e um estudante a menos neste Brasil subdesenvolvido.

E todos nós somos culpados desta morte, temos uma parcela de culpa, que jogue a primeira pedra àquela que lavar as mãos desta culpa, que jogue a primeira pedra e levará outra pedrada em troca.

Nós todos ajudamos a disparar o projétil assassino, pois não nos damos conta da urgência de reformas, nos acomodamos simplesmente sobre elas sem preocuparmos-nos, e por esta negligência, outros tombarão, não estamos saciados com a morte de somente um estudante; para despertar a consciência do povo será preciso um mar de sangue. Muita gente tem a mente carcomida e é difícil o seu despertar.

Com esta morte se devia parar, parar para pensar, meditar sobre as consequências do assassinato em nossa condição social. Parar, pensar e agir para que o jovem morto não tenha tombado em vão.

É preciso que a morte de Edson Luiz não seja em vão, embora agora o restaurante Calabouço seja remodelado e bem servido. Oitenta milhões serão ali bem aplicados. Mas será preciso para cada reivindicação morrer alguém? Fazer um mártir? É um preço muito alto, mais alto que os oitenta milhões com que o governo quer indenizar a morte de um combatente. Que os oitenta milhões que serão empregados para alimentar os colegas de Edson.

Edson Luiz de Lima Souto, 18 anos, estudante, brasileiro de Belém do Pará, quase um menino, com luta de homem, com responsabilidade de homem, morto com um tiro no peito por um polícia militar, às 18,30 horas, do dia 28 de março, de 1968, no restaurante Calabouço. Edson Luiz, hoje um herói e mártir.

Mas de nada adianta elevar um holocausto, render estas homenagens e honras que tão garbosamente o exército faz a seus heróis. Se não atentarmos para os princípios, pelos quais ele deu a vida. De nada adianta se sua morte não fôr sentida, se sua luta não fôr avante, se o seu rosto sereno e descontraído não ficar gravado em todos, se não sentirmos em nosso corpo e mente o mesmo sangue que saltou e manchou sua camisa.

Pois Edson era um dos nossos, era igual até no mesmo esperar, e Edson morreu por nós. Morreu pelo Brasil.

Nós estamos de luto...

P. A.

MEU PAI MORREU...

No dia primeiro de abril, setenta e um anos de vida, desapareceram num instante, e ainda que o curso normal de toda a existência seja nascer, crescer e morrer, é muito difícil a aceitação do desaparecimento de um ser, com o qual se conviveu e, nessa hora triste, nos vem como lembrança, os acontecimentos que formaram a história da sua vida, que ao abandonar-nos, deixa-nos uma lacuna difícil de preencher. A tristeza turva nosso raciocínio levando-nos a perguntas que nossa razão não aceita. Será que valeram a pena os dois terços de existência que luto por seus semelhantes?

A resposta, de acordo com a formação de cada um de nós, responde a luta sustentada por seu progenitor, não ser outra que um sim categórico, ainda que os resultados visíveis não estejam de acordo com os sacrifícios, esforços, esperanças postos em jogo.

Por trás dele ficaram vicissitudes e desgostos; amarguras e lutas, mas sobretudo a satisfação de observar que sua vida, teve uma finalidade útil aos seus semelhantes.

Sua causa foi a liberdade e um mundo no qual desaparecessem as desigualdades sociais, o temor ao amanhã e no qual a justiça social, fôsse patrimônio da humanidade.

A lembrança de tempos idos, vem à minha mente, relembro então, àqueles que maior influência tiveram na formação do meu caráter.

Em Granada (Espanha), foi militante ativo do Sindicato dos Metalúrgicos, no qual desempenhou cargos de responsabilidades, assim como na Federação dos Sindicatos da cidade. Integrou a Comissão que a "CASA DO POVO", que congregava os Sindicatos da cidade, nomeou para fundar, em 1926, uma Escola, inspirada nos princípios racionalistas, da qual participei como aluno, relembro ainda o professor, José Jimenez Castillo, que exerceu influência decisiva na minha personalidade moral.

Durante a ditadura do General Primo de Rivera, integrante de organismos de união de luta contra o regime ditatorial, leviei-me a reuniões clandestinas, tanto na província como na capital, das quais saliento, entre os assistentes, os companheiros Rivas, de Pinos Puentes, e Noguera, de Granada, assassinados pelo franquismo e a José Cruz (el Pican-te) que hoje vive exilado em Orleães (França).

Passa pela minha memória ainda, o dia, em 1928, que fui a casa do companheiro de lutas, Mochon, que se suicidou no porto de Alicante, antes que cair nas mãos da polícia franquista, enviado por meu pai para retirar a máquina de escrever e o material da Comissão de Relações de G. G. A. A. de Andaluzia e Extremadura, que, na sua mudança de Sevilha para Granada, fez chegar a dito companheiro e de tudo encarregou-se meu pai, no desempenho de suas funções de Secretário da referida Comissão. Lembro-me dos pacotes dos jornais "Despertar", de Vigo; "El Peludo" e "La Protesta", de Buenos Aires; "Cultura Proletaria", de Nova Iorque, etc., que chegavam a minha casa e os quais eram distribuídos por ele; as vezes que foi detido pela polícia e as que estando em casa, conseguia fugir; os 2 anos que permanecemos juntos na cadeia de "Pueblo Nuevo", (Barcelona) durante o fatídico período franquista que, para a infelicidade do povo espanhol, ainda hoje perdura. Assim como também, não esqueci a alegria que tive em Motril (Granada) ao receber o aviso telefônico de sua evasão do território dominado pelo golpe militar, nem quando, em novembro de 1936, o revólver e soube da forma habilidosa como salvou sua vida, ao ser detido pela guarda civil e fazendo-se passar por outra pessoa, conseguiu ser libertado, fugindo imediatamente para a zona livre da Espanha em luta.

Enfim são tantas as lembranças e sobretudo a influência que todos esses encontros tiveram em minha vida que não posso deixar seu desaparecimento sem uma lágrima de pesar, como minha melhor homenagem a tudo quanto de bom fez; sem julgar erros que, como todo o ente humano, tenha podido cometer.

Manuel Fernández

É preferível morrer de pé do que viver ajoelhado.

protesto
IDEIAS, CRÍTICA E COMBATE

Publicação Mensal

Registrado no Cartório de Registro Especial
Livro A 9 sob nº 233.579 - Matrícula 521

EXPEDIENTE

Redação e Administração:
Rua Garibaldi, 1101 - Cx Postal, 2585
PORTO ALEGRE - R. G. do Sul - Brasil

★

Proprietário: Maria Pinto Fernández Rodriguez
Diretor Responsável:
Maria Pinto Fernández Rodriguez

★

Valores: Maria Pinto Fernández Rodriguez
R. Garibaldi, 1093 - P. Alegre

★

Composto e impresso nas oficinas da Gráfica Trevo - Rua Garibaldi, 1093 - P. Alegre (RGS)

Os artigos publicados são de responsabilidade de seus autores.



Pôrto Alegre em Fôco

Escreve JOSÉ ANTÔNIO FÁVARO

O trânsito da cidade jamais será solucionado, se continuar a centralização excessiva na extremidade da cidade, que é o nosso caso.

Pois o centro fica na semi ponta da península. O outro problema maior também é o da coincidência de horários que provocam a hora do pique.

Metrô - Julgamos ser um sonho em Pôrto Alegre pois ainda não se resolveu o problema do lixo, passeios esburacados, nivelamentos de ruas, terrenos sem muros ou cercas de madeira. Depois então vamos brincar de metrô como disse o vereador Luiz Carlos Bohel, pois é mais viável ir a lua do que fazer metrô em nossa capital.

Calçamentos sem esgotos - Foram calçadas as ruas Livramento, São Francisco, Conde D'Eu e parte da Domingos Crescêncio sem os esgotos cloacais e pluviais, um dia terão que abrir valetas em todas estas ruas. Quem é o responsável por tamanho descabro? Estas são apenas as ruas que tomamos conhecimento, quantas mais existem nestas condições?

Aliança para o Progresso - Disse o vereador Say Marques ao ex-vereador Lúcio Marques no térreo da P. M. que se não fosse a Aliança, não teríamos água em P. Alegre e talvez estivéssemos tirando de balde do Guaíba.

Brasília de P. Alegre - Muito melhor ficaria se os vazios que circundam os prédios da Faculdade de Odontologia, Hospital de Clínicas e almoxarifado da URGs., fossem ajardinados, será que não dá para melhorar aquele aspecto?

Sinais no Centro - Chegará o dia em que entrar ou sair do centro da cidade de carro levará mais tempo que deixar o carro no Parque Farroupilha e ir a pé e, saibam, que já está acontecendo esta realidade.

Carrinhos de Frutas - Problema que a P. M. não resolve porque não quer e até gosta desta barafunda, (Salvo o Sr. Tellini, chefe da Fiscalização) A localização em locais apropriados e que tem muitos da própria P. M., seria o ideal.

Dois pés e duas medidas - Existe lei, em que ruas pavimentadas é obrigatória a pavimentação do passeio pelo proprietário do prédio, (não inquilino) mas nos fundos do Colégio Sto. Antônio, existe até matão no passeio e a P. M. não vê, além de vários milhares de outros nestas condições.

Federação das Assoc. de Bairros - Continua trabalhando em prol desta cidade, são os vereadores gratuitos ao erário público, mas nem sequer uma sede para reunir-se aos sábados à tarde recebem da P. M., bem que poderia ser cedida a Câmara municipal. O SESI, na pessoa de seu Diretor e seus dedicados funcionários, tem dado toda colaboração à Federação.

Demolições - Muitas demolições de prédios públicos estão programadas, não concordamos com a demolição da Penitenciária (porque o Coliseu continua em Roma?), do Mercado e agora da Ex-Assembleia Legislativa, etc. Ora o que pode ser aproveitado pelo menos precariamente pode e deve ser conservado e mais ainda a despesa da demolição (caso do Mallet) não comporta este luxo, poderão haver argumentos contrários ao meu, mas não convencerão.

Não quero dizer que desejo conservar ruínas, mas o que pode se aproveitar ou conservar como patrimônio histórico.

"Brasil"

por ONDINA FACHIEL

Lembro ainda quando no terceiro ano primário a professora do Grupo (como eram feios aqueles óculos de aros de tartaruga!) mandou-nos escrever por cinquenta vezes: "O Brasil possui uma superfície de 8.516.037 Km²".

Escrevemos. Copiamos por cinquenta vezes, palavra por palavra, número por número, mas não entendíamos o que era "superfície", nem o que eram "quilômetros quadrados", nem o que era "Brasil"...

Um número tão grande devia significar uma coisa bem grande. Afinal, tinha lá sua lógica, pois era no Brasil que vivia toda a família de todos nós da aula, e olha que a Verinha tinha doze irmãos!

Concluimos: O Brasil é uma coisa bem grande onde vive muita gente.

Gente... Muita gente é um povo. Povo... é dono do País. O Brasil era nosso; então enchemos o peito de orgulho e cantávamos hinos. Verde e Amarelo. Medalhas. Discursos.

Um, dois... Em frente - marche! (O Brasil é nosso - marchemos com garbo!) Os óculos de aro de tartaruga sempre levavam a brincadeira.

Brasil, e agora o que é que eu falo de ti? Verde e Amarelo. Matas e Ouro. Onde é que tu estás Brasil? Tu és nosso? Tu és meu? Não, e bem sei disso. Levaram teu ouro, levaram as tuas matas. — E tu? Morreste de vez ou ainda dormes no bêrço esplêndido?

Bêrço esplêndidamente subdesenvolvido. Brasil esplêndidamente subdesenvolvido. As tuas riquezas não são mais tuas. Teu governo não é mais teu. Decerto nem a tua terra é tua. Mas teu nome é teu, é nosso, é dos brasileiros (e nesse momento solene, comovida, encho o meu peito de orgulho!...)

Um verso de Cassiano Ricardo canta: "Brasil dos meninos, Brasil dos poetas, Brasil dos heróis" Gostei: mais do que nunca, senti que o Brasil é nosso.

Brasil dos meninos que vivem nos morros, trabalham nas ruas e morrem de fome.

Brasil dos poetas que vivem de esperança, riscam papéis e morrem de miséria

Brasil dos heróis, que vivem de façanhas, enchem-se de orgulho e morrem sem glória.

Isto é tão nosso, tão Brasil...

Viver num samba.

És Brasil!

Morrer de miséria, morrer de fome. Morrer sem glória.

És Brasil. Em frente - marche!

CRÔNICA DA CIDADE

VIDIETIE

Pois meus presados, ela tanto fez, tanta confusão e descontentamento semeou, tanta gente sofreu por causa dela, que dentro do seu egoísmo e pedantismo doentio, de quem tudo sabe, e por isso mete a mão, não teve tempo de parar para se olhar (no espelho, e se olhasse também, não adiantaria nada, pois ela faria como o Narciso. O tempo, esse inimigo implacável que fala mais alto, e que deteriora tudo o que for matéria, principalmente se for matéria vagabunda, tocava nela. A deixou senil.

Porém a turma de fanáticos escravos do esdrúxulo a endeusavam, e ela não se dava conta do ridículo a que era submetida, velha, antiquada, burra, irresponsável e analfabeta.

Tão burra que ao querer uma condução para ir a determinado lugar, pegou "UM BONDE CHAMADO DESEJO" e acabou num fim de linha até então desconhecido para ela. A greve. Falo meus amigos da vedete, a CENSURA. Ela foi criada com o estado novo, e de lá para cá se prostituiu. Perdeu o respeito próprio e era óbvio que se perdesse o respeito que se tivesse por ela. Para os mais apressadinhos eu digo que o estado novo não tem nada a ver com a "revolução" que largou pra cima da gente uma porção de novidades... Quando li a três anos atrás que o senhor Jair da Costa, analfabeto de pai e mãe ser empossado como chefe da Censura eu corri, e temi pela sorte dela. Até que durou. O senhor mencionado foi baque do Vasco e da seleção nacional, e celebrizou-se pelo pontapé. Isto, valheram-lhe algumas expulsões de campo, duas delas por Mario Vianna. Com as novidades e modificações surgidas na vida administrativa do país ela foi federalizada, nem isto adiantou. Descobriram o proíbido até 21 anos. Não posso conter o riso. Pois esta idade meus patriotas, segundo estatística do próprio governo, é a média do casal brasileiro, e a dos que têm o supremo privilégio de estudar neste bagunçado país, são universitários, de nível superior intelectual a maioria dos "chinelões" que fazem a Censura.

Espero que a briga continue e que não pare aí, mesmo que o DOPS resolva baixar a borraça no pessoal de teatro e televisão no Rio e São Paulo que estão dando a grita. E aqui? Ah meus meus presados, isto eu falei na crônica anterior a respeito da TV.

Eu faço teatro meus companheiros e já senti o peso dela. Coisas que os jornais noticiaram não puderam ser ditas no teatro. Agradeço as cartas que começaram a chegar, incentivando o pessoal aqui de casa. A propósito, minha peça "O PROTESTO" vai a Osório este mês, sob o auspício da Prefeitura Municipal. — N. L.

Até breve

SOS dos Mendigos

Pelo visto, a tão criticada operação Mendigos do ex-governador carioca sr. Carlos Lacerda, teve aqui no nosso estado adeptos fervorosos. Se bem que não chegaram até o momento às proporções de matar os ditos. Mas o seu confinamento numa ilha do Guaíba é um ato que nos revolta, dada a maneira desumana como tratou-se deste assunto.

Os mendigos na hora que embarcavam no porto para o seu cativo, mais pareciam umas ovelhas que se dirigiam ao sacrifício. Uns riam, outros estavam sérios e outros simplesmente nada deixavam transparecer, dada a sua desilusão do mundo em que vivemos.

De acordo com os princípios burgueses, fica muito bonito não vermos, nas ruas, do outro lado da nossa sociedade ou seja suas consequências.

Consequências estas que se originam de uma má administração social e econômica, erros marcantes da nossa estrutura social. Esconder estes indivíduos não resolveu seus problemas, nem os nossos pois serão apenas paliativos e mais cedo ou mais tarde aparecerão nas principais ruas da nossa P. Alegre, só que não serão os mesmos, serão outros que também não conseguiram ter a oportunidade de receber uma boa educação escolar, não à que se está dando nas escolas, outra melhor.

Estes indivíduos são antes que mais nada a nossa vergonha estampada numa realidade nua e crua. Pois enquanto o povo preocupa-se com divertimentos de toda espécie, a legião dos deserdados da nossa sociedade cresce dia a dia.

Uns dizem que o motivo disto, é que os mesmos não querem trabalhar, outros deixam as soluções nas mãos da caridade pública.

Mas a realidade é que ninguém levanta uma mão solidária para ensinar ou para dar trabalho.

Nada disto acontecerá, pois o sistema, capitalista não dá margens para que consermos o mundo, pois a luta toda é produzir para ganhar e desta maneira sustentar os mais variados parasitas e filhinhos de papai. No fundo é a supremacia do rico sobre o pobre, incluindo-se os que não querem reconhecer a última condição, ou seja a classe média. Mas esta não pode esquivar-se de maneira nenhuma, pois são indivíduos que subsistem com salários miseráveis, não conseguindo ter na mesa nem 1/8 dos alimentos recomendados para uma boa saúde, como se isto não bastasse são os irregulares habituais dos médicos, pois estão sempre doentes. São as dez ou doze horas que trabalhamos por dia, sempre iludidos pela imagem das horas extras. Os sintomas não aparecem enquanto somos jovens, mas depois, é uma catástrofe. Cada um de nós pode ter um exemplo bem específico na sua própria família.

Todos estamos sujeitos a nos transformarmos de uma hora para outra em mendigos, basta que cesse o salário recebido, e aí encontraremos uma série de obstáculos para conseguir outro. O motivo principal é que nenhum de nós está suficientemente preparado para seguir determinada carreira. Porque? Seremos por acaso culpados? Não, é que cedo somos obrigados a abandonar os bancos escolares para provermos o sustento

TEATRO - OPINIÃO

Algumas pessoas fumam, bebem ou jogam, como vício. Para Julio Martins e Newton Luiz desde o tempo do ginásio quando se conheceram o vício nobre dos dois, os uniu. O Teatro. Julio extasiado com os segredos e o calor dos aplausos nas pécinhas do salão da igreja, e hesitava para aceitar o convite que o seu amigo lhe fazia. Trabalhar na Companhia de Revistas Pôrto Alegre, que durou seis meses. O tempo, a vida particular, os separou. Newton foi para o Rio e aprendeu com os mestres Ziembinski e Gianne Ratto a melhor técnica da montagem de um espetáculo.

Julio, dedicava-se ao sofrido teatro gaúcho, fez uma porção de peças, e quando Newton voltava ao sul, reencontrou o amigo fazendo o vovô Nicolau da peça infantil de Maria Alzira Miguel. Daí, aquele vício que unia os dois fundiu-se. E juntos estão fazendo o único grupo atuante de penetração popular na difícil tarefa de levar teatro aos locais e lugares mais humildes. O grupo Opinião do Rio Grande do Sul.

"O teatro não se limita ao estreito círculo do tablado, vai além da rampa, vai ao povo, tem pois, uma única mira, a educação". São palavras de Machado de Assis, que os dois amigos tomaram por lema para a condução do grupo. Porém como fazer um bom teatro, num Estado atrasado em matéria de desenvolvimento cultural? Quantos teatros existem em Pôrto Alegre no momento? Quantas peças o Governo do Estado subvencionou? A quantos anos não se inaugura um teatro? O preço de um texto e os elementos humanos para a formação de um grupo?

de nossos familiares. O problema em si, dos mendigos ou marginais da nossa sociedade, todos conhecemos, e é por isso que a solução não está em esconer os mesmos. Mas sim em eliminar suas causas, transformando essa arcaica estrutura econômica, de acordo com as necessidades do homem. H. Puig

Todos estes problemas eles pensaram e estão contornando. Do Estado não querem e não precisam de nada, porque nada tem o Estado a oferecer. A irrisória subvenção que existe para a classe vem ha muitos anos sendo "dada" a elementos que podem fazer teatro por meios próprios, profissionalmente, para sermos mais explícitos.

O caso da "bilha quebrada" o ano passado serve de exemplo. O senhor Claudio Hemann como delegado do Serviço Nacional de Teatro, pegou a verba que era para os grupos e montou a referida peça.

Os elementos que compunham o elenco, na maioria são funcionários públicos, Jorge A. da Rosa, do Tribunal; Aparecida Dutra, do SESI e do falido Alvaro Moreira. E o próprio Hemann como diretor e ator remontando o espetáculo que o consagrara como um ótimo profissional, que lhe valeu uma viagem ao exterior. Qualquer texto custa duzentos cruzeiros novos como direito autoral, certo, é justo. Injusto é o autor não receber. Mas isto é outro aspecto da questão. A imprensa, os donos, promovem mal, e dificilmente de graça, os espetáculos.

O Jornal do Brasil no Rio mantém, "ouvimos" em todos os teatros da Guanabara para sempre saber de novas e divulgar.

Camaquã, aplaudiu de pé o Opinião e o Protesto que fora escrito tomando por base citações de autores famosos e reportagens de revistas. Era a bossa do momento, era o que o público queria ouvir. Era a válvula de escape contra a opressão e a censura imposta depois da revolução a certas coisas se não proibidas, que se tinha medo de dizer. Pois o Opinião disse. O Protesto é profético, pois atualmente acontecem coisas previstas e citadas. A peça continua. Paralelamente, começamos "As Mãos de Euridice" pensando nos saudosistas; naqueles que não aceitam palavras nem política no teatro. Porque precisavam fazer algo realmente válido e difícil.

JUVENTUDE

"SOBRE OS HIPIES"

O tempo corre... passa. Para aqueles que o sobrevivem deixa uma marca, indelével no modo de pensar, das coisas que já se foram e das coisas novas que acontecem. As vezes coisas que surgem como a rapidez de um meteoro, de passagem efêmeras, as vezes com motivação apenas comercial. Há também o sinal dos tempos. Coisas e fatos que obrigam o homem a reflexionar. Arrancar o coração de um morto e colocar noutra pessoa, se fosse feito a dez anos atrás, seria crime, fanatismo, falsa medicina, ou qualquer outra aberração. Mas o milagre, o progresso, a descoberta da ciência pacífica veio no momento oportuno. Uma coisa de loucos numa era louca. Psicodélica.

A grande religião que mantém o mundo, o dinheiro, mesmo na igreja ele é básico, por isso ele é o símbolo material de qualquer coisa. Mas ele, o dinheiro, também opera milagres. Milagres que manipulados dentro dessa esfera cínica e estritamente comercial, não espera o cidadão morrer para tirar-lhe o coração. O faz em vida, além disso estirpa a própria alma. Assim inventaram, para deturpar a mocidade de todo o mundo, o carnaval, o futebol; fanatismo de toda ordem que deturpa a mentalidade dos jovens, bitolando-os para os prazeres bestiais da vida.

São os entorpecentes, às bebidas, as grandes farras.

Contra isso os jovens de boa índole manifestam-se. Seja na forma de arte; música, pintura, etc., ou na literatura.

Existindo a influência do "capital", há também suas consequências. Tanto na deturpação da mente, como na formação de uma consciência. Como exemplo da primeira os playboys e da segunda a chamada "esquerda festiva" que proclamam serem "hipies".

São os filósofos burgueses, de copo de Wiski nas mãos.

Seja qual for o apelido que se dem a eles uma coisa é clara e indiscutível. Eles não são analfabetos. Não são filhos de operário. Uma camisa daquelas custa mais de trinta mil cruzeiros; pois pra mim não existe ainda este que chamam de "novo"; logo isenta qualquer operário de gastar dinheiro com bobagem.

Falam contra a guerra, e quem de sua consciência não fala? Se reunem para fazer o amor... mas que amor? Desde a última desgraça mundial patrocinada pelo paranóico Hitler, que se fala mal da guerra, e muitos lutam contra. Quantos no mundo já apanharam e morreram para causa das passeatas? O Vietnã está aí mesmo, como já esteve a Coreia, e como está Israel. Quem está por trás de tudo? O dinheiro. Hipies... não amolem. Não falem de paz pois querem guerra. Vocês não podem amar pois o que falta a vocês é amor. Procurem amar a Humanidade e a seus pais. Respeitem seus semelhantes e procurem ser, homens e mulheres realmente. Se realmente fossem contra a guerra não existiria mais exército no mundo. Batalhariam abertamente e de forma organizada contra ela. E o exemplo do negro Cassius Clay, que perdeu o título esportivo mundial por não querer ir morrer no Vietnã? Respondam por favor... Comprendo que vocês tenham seus ideais, é justo e compreensivo, mas é tudo coisa passageira... não percam o tempo de vossa juventude, com futilidades. Procurem descobrir isto por vocês pois os vossos pais não tem competência nem mais autoridade para isto. Vocês pensam que se governam, mas vocês estão sendo levados, como ovelhas que vão para o matadouro.

Revoltem-se contra tudo isto, se de fato são autênticos rebeldes e que vossa disposição venha a revitalizar a mentalidade da falsa sociedade que nos cerca, dando aos que a compõem possibilidades de se transformar.

Referimo-nos a sociedade burguesa e sua moral, imposta com as leis. Que objetivam alienar cada vez mais os indivíduos.

Lutem por uma emancipação social, política, econômica da humanidade.

Meus filhos, não é o cabelo que conta na cabeça e sim o que existir dentro. Bethovem e Jesus Cristo eram cabeludos, mas eram Cristo e Bethovem. E vocês quem são? Existe um de vocês que possa fazer um dedo dele? Pasteur, Castro Alves, existem entre vocês alguém? Mesmo um Bernard cabeludo? Claro que não. E não estamos pedindo demais. Afinal vocês significam e simbolizam o progresso, logo tem a obrigação de serem melhores que seus antecessores cabeludos. E é bom que apareçam logo, pois senão não aproveitarão nada deste louco mundo.

NILTON

AVANTE, JOVEM!

És uma torre nova entre o velho casario: fino, alto, forte. Concretização de um sonho, que teve a seu serviço os mais nobres operários. Para que te alçarás, andou a humanidade milhões de anos ajoelhada. Por ti morreram heróis, agonizaram sábios, deliraram artistas. E na escravidão, sob o látego, padeceram por ti todos os trabalhadores.

POP RODOLFO G. PACHECO

Não tens nada na terra, ainda que possuas fazenda, servos, livros e palácios, pois não o creastes, não é teu.

Sobre essa avalanche de sangue e lágrimas, de audácias e humilhações, te levantas e te sustentamos. Por sobre nós: como um punho ou um facho... E tu não lutas, nem alumbas. Que fazes, jovem?

Em troca, tudo terás: ainda que sejas um vagabundo dormindo sob pontes, si o quiseres e te atreveres. Terás o que eu não alcanço; aquilo para o que te levantou a humanidade; para que o alcances tu!

Vamos! Disperse teu coração da torre que te fizemos. Nosso carrilhão és. Chama a luta... ou a missa. Porém, chama!

Não esperes ser o mais forte, ou saber mais. Tampouco isso poderás ser enquanto não te atreveres a errar. (Todos somos um erro que quer se-retificar, ou uma debilidade que aspira fortalecer-se). Avante, jovem!

Estás me parecendo um machado em cristaleira. Levas em ti, martelados, o mineral e o relampago, e não ousas nem estilhaçar os vidros do convencionalismo que te encarceram. Vamos, jovem!

Torre nova entre o velho casario: levantaram-se em vão?... Para que foras somente isto: apenas um esqueleto fino, alto, belo avançou ali e aqui, desde a caverna, o homem.

De que fadigas descanças, que salários desfrutas, que amor ou amarguras contas ou choras, tu, o inédito e intacto? Onde já tua lâmina rompida, tua cicatriz ou teu triunfo?... Vamos!

Para isto somente, sonhou, amando e edificando; cantando e chorando tantos anos? Toda a dor de tua vida, o sangue que a salpica, o fervor que a ilumina, sua morte e seu renascer, não trazia mais em seus cumes, mais que tu, tal qual te vejo; impassível, mudo, estéril?

Nego, protesto, e grito: Avante, jovem! Avante!

Os cristãos e seus princípios

É comum ouvir-se, nas nações em que prepondera o cristianismo, políticos e governantes apelarem para o sentimento cristão daqueles povos.

Fazem apelos e mais apelos, certos de que são ouvidos, pois aí estão os sacerdotes, seus eternos aliados, a orientarem os fiéis para que sejam mantidos todos esses privilégios de que gozam os poderosos, não importando que o sejam, com o sacrifício e a miséria de semelhantes a que chamam irmãos.

Mas, OI se os cristãos meditassem um pouco, livres de padres e pastores, veriam que aqueles que lhes lançam constantes apelos, os fazem odiar o semelhante, quando há um mandamento que diz: — Amai-vos uns aos outros; veriam que os obrigam a aprender a arte de matar, e os mandam para guerra, quando há outro mandamento que reza: — Não matarás; veriam que ainda na última guerra, a segunda frente se abria, acompanhada da oração que pedia a proteção de Deus, para as armas aliadas, que não deixariam nem por isso, de matar a milhares de inocentes e que essa oração era proferida por quem deu ordem de atirar, sobre uma cidade, a primeira bomba atômica para, matando, indistintamente, espalhar o terror, e por quem decretou que o povo alemão, vencido, devia curtir fome, sem procurar saber se havia crianças que não tinham culpa alguma, e tudo então compreendendo, por certo não dariam ouvidos a esses malfetores da humanidade. E, muito menos, dariam, se recordassem ou tivessem conhecimento que, lá na Bíblia, em Coríntios, está a condenação de todo o domínio, de toda autoridade e poder:

"Então virá o fim, quando ele entregar o reino ao Deus e Pai, quando houver destruído todo o domínio, e toda a autoridade e poder" (Coríntios, cap. 15:24)

Seriam assim mais coerentes os cristãos com os seus princípios, como o foram e talvez ainda o sejam os ducobores, se não os esmagaram os outros, que cristãos também se dizem.

E, para que tenham idéia da coerência dos ducobores, aqueles que ainda não os conhecem, reproduziremos uma crônica do saudoso companheiro, o grande educador Dr. Fábio Luz, publicada, há anos, no "Correio da manhã".

"A seita russa dos ducobores, cujo nome significa "lutadores espirituais", apareceu na História, os fins do século XVIII. Notável documento de 1805 os descreve como povo geralmente analfabeto, porém de alta consciência moral, seita libertária cuja exemplar conduta é reconhecida até pelas autoridades oficiais. São mui leais com o governo contanto que ele não toque nos seus

princípios; compassivos e serviais com o próximo. Para regular sua vida social, não há leis escritas, não aplicam castigos ou sanções nos raros casos que se poderão apresentar e, segundo seus próprios contraditores, sua vida se salienta pela ordem e pela retidão.

Durante o século XIX foram especialmente conhecidos por causa de sua recusa coletiva a servir como soldados. Entretanto, até fins do século passado, a seita adaptou-se mais e mais as exigências do governo russo, porém, entre eles se produziu um despertar em 1895. Desde esse momento, decidiram não comer carne, não fumar, não beber álcool, recusar o juramento de fidelidade ao Governo e recusar-se a todo serviço militar. Queimaram todo armamento que possuíam, como espingardas e outros instrumentos de guerra. Cruelmente perseguidos decidiram emigrar. Os "Quakers" de Filadélfia, Tolstói e seus amigos Tebertkoff e Birukoff fizeram tudo o que puderam para auxiliar a partida deles. Nesse momento Tolstói decidiu consagrar-lhes todo o produto da venda de sua novela "Ressurreição". Depois de várias experiências infelizes, na ilha Chipre, decidiram emigrar para o Canadá. Ali chegaram em 1899 em número de 7.500. O Governo Canadense permitiu-lhes começar o desmonte de grandes terrenos, onde se organizaram segundo os seus costumes.

Entretanto, no fim de alguns anos, o Governo Canadense tentou forçá-los a converterem-se em cidadãos canadenses e lhes exigiu o juramento de fidelidade ao Governo. Os membros da seita não queriam mandar os filhos as escolas oficiais. No livro bem documentado de Alexandre M. Evalenki "The Message of the Dukhobors" se encontram expostas as tres razões pelas quais os ducobores repeliram a instrução oficial: em primeiro lugar as escolas do Estado educam as crianças em sentido nacionalista e militar que não corresponde à doutrina de Cristo. Em segundo lugar porque a escola prepara, antes de tudo homens e mulheres com mentalidades capitalistas e imperialistas. Enfim porque o espírito cientista moderno é segundo eles, tão inferior que homens bem educados, como Tolstói e Henry George, têm necessidade de regeneração completa para chegar à verdade. E enfim os ducobores não consideram sua permanência no Canadá senão como coisa provisória. Eles são cidadãos do Universo, a sorte na Rússia lhes foi insupportável; encontram muitas dificuldades no Canadá e não sabem se ficarão sempre nesse país; por isso repelem o oferecimento do Governo canadense de educar os filhos deles à inglesa.

Por causa de tudo isso, já antes da guerra mundial, os ducobores foram várias

vêzes perseguidos e tão cruelmente maltratados nas prisões. O Governo tentando quebrar-lhes a resistência, inventou falsos pretextos para expulsá-los do solo que haviam desmontado com suor do rosto e cujo valor havia aumentado assim de milhões de dólares. Mas os ducobores preferiram abandonar tudo ou perder tudo a tornarem-se inífiéis a sua religião espiritual. Foram começar em outra parte e no fim de alguns anos reconstituíram colônias agrícolas que rapidamente prosperaram.

Considerando-se meros servidores de Deus, os ducobores não reconhecem senhores, nem se submetem a ninguém. E por este motivo que não se puderam converter em súditos de reis ou imperadores e é também a razão pela qual exigem que a educação dos filhos seja feita por eles mesmos, a fim de conservarem a tradição de liberdade moral e social.

Como Tolstói, os ducobores também recusam a arte médica oficial, consideram pseudociência e do mesmo modo que certas seitas cristãs, desde centenas de anos, também eles recusam registrar nascimentos, casamentos e óbitos. Enquanto aos casamentos pode-se dizer que os ducobores tem ideias muito modernas. Se duas pessoas desejam casar-se, vão ante o conselho formado pelos anciãos e declaram seu intuito. Quando querem separar-se, procedem do mesmo modo. Contudo os anciãos tentam prolongar a duração da união; porém se as pessoas desavindas persistem em suas intenções, os anciãos declaram dissolvido o matrimônio, mediante a simples declaração. Essa concepção de amor livre é acompanhada por uma vida moral muito superior. Os ciúmes são desconhecidos entre os ducobores e em harmonia com a tradição cristã, bem conhecida, o celibatário é muito respeitado. Compreende-se que tudo isso tenha criado muitas dificuldades entre o Governo canadense e a seita em questão. Compreende-se igualmente que com o tempo, como é freqüente na história das seitas cristãs, uma parte dos ducobores se vá adaptando cada vez mais à vida oficial do ambiente em que vivem. Os ducobores não são por outro, o único grupo social que se opõe à instrução inglesa no Canadá. Nas mesmas condições estão, por exemplo, os peles vermelhas e os glitizianos, que defendendo suas próprias tradições, sentem aversão de enviar seus filhos às escolas do Estado. Essa oposição se expressa, de vez em quando, por incêndios que destroem as casas das escolas. Não é preciso dizer que os ducobores foram acusados da autoria desses incêndios. E com efeito, uma só vez um ducobor confessou que havia incendiado tal edifício.

DOZE PROVAS DA INEXISTÊNCIA DE DEUS

(Continuação do número anterior)

S. FAURE

A maior das covardias é a covardia intelectual. Só é digno de se chamar homem aquele que é capaz de enfrentar com coragem e serenidade as idéias que lhe são contrárias.

infinito; não é somente sábio; é a Sabedoria infinita.

Em conclusão: tal é o Deus que eu nego e de que, por doze provas diferentes (em rigor bastaria uma só), vou demonstrar a inexistência.

CONTRA O DEUS CRIADOR



PRIMEIRO ARGUMENTO:

O gesto criador é inadmissível

Que se entende por criar?

Que é criar?

É tomar materiais diferentes, se-

parados, mas que existem, e valendo-se de princípios experimentados e aplicando-lhes certas regras conhecidas, aproximá-los, agrupá-los, associá-los, ajustá-los, para fazer qualquer coisa deles?

Não! Isso não é criar exemplos.

Podemos dizer que uma coisa foi criada? — Não.

Foi construída.

Podemos dizer que um móvel foi criado? —

Não. Foi fabricado.

Podemos dizer que um livro foi criado? — Não.

Foi composto e depois impresso.

Assim, pegar em materiais que existem e fazer com eles qualquer coisa, não é criar.

Que é, pois, criar?

Criar... com franqueza, encontro-me indeciso para poder explicar o inexplicável, definir o indefinível. Procurarei, contudo, fazer-me compreender.

Criar é tirar qualquer coisa do nada; e, com nada, fazer qualquer coisa do todo; é formar o existente do não existente.

Ora, eu imagino que é impossível encontrar-se uma única pessoa dotada de razão que conceba e admite que do nada se possa tirar ou fazer qualquer coisa.

(Continua no próximo número)

O vergonhoso problema do ensino



O flagrante acima, que ilustra este artigo, é um atestado eloqüente, da receptividade que encontra de parte do atual governo, as lutas reivindicatórias dos estudantes.

NINGUÉM pode negar o tumulto, a desagregação e a decadência que campeia no ensino universitário brasileiro. Prova concreta são os excedentes, isto é, candidatos que prestam exames vestibulares, são aprovados e espantosamente rejeitados por falta de vagas.

No reduto das autoridades do ensino predomina a inércia e a demagogia. No campo estudantil a revolta, a impotência e mais frequentemente a desorientação.

O Movimento Estudantil Libertário (M. E. L.) não podia ficar indiferente ao fato. Visando uma tomada de posição pela classe estudantil, promoveu uma série de reuniões e debates afim de analisar o problema e apontar para exame dos estudantes as possíveis soluções e os caminhos da luta.

CURSOS DO PRÉ-VESTIBULAR, UM NEGÓCIO RENDOSO

Todo o candidato a ingresso na Universidade tem que enfrentar um problema: a matrícula num curso pré-vestibular para transpor com o mínimo de possibilidades as provas da escola superior. A carência de dados estatísticos não permite atingir, como desejariamos, o cerne do problema. Porém podemos afirmar que na Guanabara existe um total de 30 cursos pré-vestibular, abrangendo as mais diferentes especializações.

Os "cursinhos", como são denominados, preparam para o ingresso na universidade cobrando a média de 75 cruzeiros novos por mês. Salta a vista do mais negócio que o comércio é um alto e rendoso negócio. O exame dos cursos pré-vestibular é consequência direta da ineficiência, para não dizer bancarrota do ensino secundário no país. Ensino que é ineficaz, ultrapassado e caótico.

A situação já de si insólvel se agrava com os ridículos salários pagos aos professores secundários, obrigando-os a ter inúmeros empregos e acarretando a carência de tempo para o estudo e o preparo das aulas.

São pouquíssimos os candidatos que ascendem do secundário a universidade sem o estágio intermediário dos "cursinhos".

A liquidação desse comércio vergonhoso está ligada a melhora do nível econômico do professor secundário, ao melhor preparo intelectual e cultural dos mestres e a reforma total dos programas do ensino secundário. É neste ponto que devem ser inicialmente concentrados os esforços estudantis visando uma reformulação geral.

FALTA DE ESTÍMULO AO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO

É óbvio que a Universidade brasileira está longe de receber o nome de autêntica Universidade. Falta-lhe a base física e até o espírito universitário que desenvolveria uma ligação comunitária entre mestres e alunos.

A Universidade deixa de ser um centro de educação, cultura, ciência atenta ao desenvolvimento dos interesses da comunidade para ser apenas casarões de um ensino fossilizado. Com seus defeitos de estrutura, com ausência total de estímulo financeiro, carente de instrumental técnico e humano, é uma instituição alienada.

A cadeira vitalícia com a figura medíocre e empoeirada do catedra-

tico, estagnado no saber, sem estímulo para a pesquisa e o estudo, sem interesse por nada é um ponto de estrangulação que precisa ser superado. Além do mais o ensino é livreco, teorizante, escolástico e que desespera alunos e mestres.

Torna-se premente que se molde a universidade à realidade contemporânea, aos anseios de progresso e às necessidades sociais. Novas condições financeiras, de trabalho, de material humano devem ser fornecidas para a Universidade se tornar uma instituição atuante e pensante, forte dentro de sua autonomia, possibilitando o ingresso e o acesso do realmente mais capacitado. Apta a influir e conduzir humanisticamente a sociedade.

MILITARIZAÇÃO DO ENSINO

Não bastava já todos os problemas intrincados da Universidade, quando mais outro carcoço surge. A criação junto ao MEC, pelos chefes militares, de "uma comissão de assessoramento em assuntos estudantis". A famigerada junta formada por dois coroneis, um promotor público, dois professores, e presidida pelo coronel Meira Mattos tem o ardiloso pretexto de "dialogar" com a classe estudantil.

Ora, não se levando em conta as barreiras doutrinárias e morais que separam os chefes militares dos estudantes, qualquer tentativa de diálogo das cúpulas governamentais com o movimento estudantil é válida, porém repudiamos a inclusão de um coronel aviador na comissão. Meira Mattos foi o mesmo militar que espantou estudantes em Brasília, quando se pleiteava o não pagamento das anuidades. Nos idos da "dita revolução", foi interventor em Goiás. E por fim, a grande glória de sua carreira: a chefia de soldados, pagos em dólar, na República de São Domingos.

Dos dois professores pouco temos a acrescentar do que foi comentado pela imprensa. Jorge Boaventura notório fascista, nada têm a prometer. Helio Gomes, nas vésperas de ser nomeado para a citada junta afirmou: "Sim, aceito o cargo, mas nada posso declarar sem ordens do coronel Meira Mattos".

Nos bastidores do problema, vemos amadurecer os primeiros frutos do maquaviético relatório ATCON, com a ajuda e conivência dos fantoches encastelados no poder.

É citar o óbvio dizer que o movimento estudantil se levanta em péso contra as atitudes paternalísticas do governo e grita a plenos pulmões: Queremos diálogo, não monólogo! Que se crie uma comissão formada por elementos capazes e que atinjam os interesses estudantis.

ALIENAÇÃO DO ENSINO

Atualmente a classe estudantil é a mais propícia a uma "tomada de consciência" e isto é extremamente incomodo para as classes dominantes, imperialistas e que sugam com tranquilidade o proletariado e o oprimido. É bem claro que o universitário, futuro dirigente deve usar antolhos. Quanto maior bitolamento cultural, melhor; quanto mais técnico e restrito o ensino, melhor manipulados serão esses dirigentes. Contra a alienação tecnocrática, contra a ciência dividida em compartimento estanques é que somos viceiramente contrários. E é aí que entra o acórdo MEC-USAID, que co-

mo todos sabem jamais foi divulgado, não obstante a grita geral. Sabe-se perfeitamente, entretanto que esse acórdo pretende o transplante do sistema universitário em crise dos USA para o Brasil.

É ponto pacífico que o nosso ensino deva ser reestruturado, que nossa didática deva ser reformulada. Mas porque recorrer à "Matriz" para resolver nossos problemas? Será que não existem brasileiros capacitados para a tarefa?

A cobrança de anuidades e matrículas aos estudantes (Proposição do relatório ATCON) marginaliza totalmente o estudante pobre. O acesso as faculdades pelo estudante que trabalha para se manter, torna-se impossível. Estudar no Brasil é difícil. A continuar nessa progressão será um luxo concedido a uma elite minoritária que possa comprar livros e dispôr de verba para anuidades.

FALTA DE CONDIÇÕES DE ESTUDO PARA O UNIVERSITÁRIO

Após vencer inumeros obstáculos, atravessar uma prova chinesa no vestibular e pular por uma burocracia de papéis, finalmente está o candidato apto a iniciar o ano letivo, naquilo que ele supõe o maior templo do saber. Então começam as terríveis desilusões. Iniciam-se as lutas reivindicatórias, desta feita de caráter administrativo. Deparam-se-a, independente da Faculdade que cursa, com a falta de material conveniente ao aprendizado regular. Os prédios onde "funcionam" os cursos são na grande maioria velhos pedreiros de aspecto aterrador. Há quase sempre precariedade de iluminação. Na cidade Universitária, inacabada, em alguns prédios os alunos assistem aulas sobre montões de tijolos, areia e cal. Afirmam os alunos de engenharia que isto constitui "uma verdadeira prática a serviço da teoria". Nas faculdades de medicina faltam cadáveres para a dissecação. Há apenas um microscópio para vinte e trinta alunos. Na escola de Química da Faculdade de Filosofia, quem chega atrasado assiste aula de pé, devido ao número reduzido de cadeiras. O material obsoleto, estragado, caindo aos pedaços, as péssimas condições de higiene das salas de aula concorrem para que o desânimo vá tomando conta do fogoso calouro. Acreseido a isso tudo, o péssimo serviço dos restaurantes estudantis, necessitando de obras e de verbas.

O ENSINO NO ORÇAMENTO DO PAÍS

Outro aspecto do problema do ensino que numa análise conscienciosa não poderíamos deixar de focalizar, é a situação econômica financeira: a divisão da verba disponível. O Brasil é um país que possui mais de 50% de analfabetos, sendo apenas 2% dos jovens entre 18 e 25 anos que cursam as Universidades. Isto deveria ser levado na devida conta pelos que dizem se interessar pelos problemas de desenvolvimento do país.

Pela nova Constituição aprovada a toque de caixa em 1967, foi excluído o artigo 169 da antiga, que dizia: "Anualmente, a União aplicará nunca menos de 10% e os estados nunca menos de 20% de sua renda na manutenção e desenvolvimento do Ensino".

A situação não piorou apenas na Constituição. Na realidade em 1963,

"A união faz a força"

Começaram às aulas e com elas os velhos problemas, surgem com mais vigor. São os acórdos Mec-Usaid, sistema de ensino precário, a cobrança de matrículas e anuidades, a falta de autonomia estudantil, e para contrapor a todos esses problemas, existe a difícil situação econômica, dos "chefes" de família, que com baixos salários, esperam um "milagre" que lhes possibilite ganhar o seu sustento e o de seus familiares.

O período de férias escolares, durante o qual a classe estudantil perde o contato com suas entidades representativas, é aproveitado pelo governo para pôr em prática, toda sorte de medidas, prejudiciais aos interesses de nossa classe.

Entre as medidas que nos prejudicam diretamente, está a cobrança de matrículas e anuidades mais elevadas, o que visa única e exclusivamente pôr obstáculos a todos que neste país tem a pretensão de estudar. A elevação do custo das matrículas e das anuidades mesmo que se pague as prestações, impossibilitarão que os filhos de operários continuem estudando, retrocedendo ao passado, quando era privilégio dos "ricos" estudar, gente que dada sua posição social, garantem a permanência de regimes políticos e situações político-econômicas, contrárias à todos que trabalham para se sustentar, pois carecem da vontade necessária, para opôr-se a tudo que seja atitude opressiva.

É necessário uma nova concepção das lutas de classes, para impedir esta usurpação das classes dominantes. As férias não devem significar o abandono da defesa dos nossos interesses, pois estes, a experiência a documentar, são permanentes e não tem "férias". Dentro dessa nova concepção de luta, deve estar a de extrair o movimento estudantil de maneira eficiente e de maior relação estudantil. Não é vivendo em organizações inteiramente afastadas da classe estudantil - uma só e com problemas idênticos - que podem defender melhor seus interesses. O fato de realizar estudos secundários, comerciais, universitários ou de qualquer outra categoria, não justifica a existência de organizações estudantis independentes e inimigas entre si. Uma única organização estudantil aglomerando todas as modalidades do ensino e o que se necessita de imediato para proporcionar uma força que prolifere. Pensemos nisto e procuremos apagar nossos erros, ainda que estes pelos muitos anos de vivência, tenham adquirido uma hipotética razão de existência.

19% do orçamento da União foi para o ensino, ao passo que em 1967 diminuiu para 6,8%.

Esta queda influiu diretamente na vida universitária. Em 1967, por exemplo, a verba destinada a U. F. R. J. não só diminuiu como também NÃO FOI LIBERADA! Isto foi causa de uma série de problemas, como atraso de pagamento de professores, etc.

Absolutamente não convence a explicação clássica de que: "Não há dinheiro", pois se a verba do MEC diminuiu, a dos Ministérios Militares de 1964 a 1967, aumentou em 52,1%. O Diretor Geral do Exército, CM (9.8.67) afirma: "O soldado brasileiro deve ter o mais completo apoio, ser bem uniformizado, bem equipado, bem alimentado e com vencimentos pagos em dia".

Além disso, existe a verba do SNI, que em 1967 foi a 4 bilhões de cruzeiros. Como sabemos da perseguição movida por este órgão ao movimento estudantil, podemos classificá-la como "Verba Anti-Estudante".

É não é só! Sabe-se da encomenda de 20 aviões Mirage e que com o preço de cada avião formaríamos 2.400 engenheiros. Ainda mais sendo os Mirages inúteis para o decanato - Desenvolvimento Nacional, concluímos que a desistência da compra desses jatos resolveria o problema de uma Faculdade para 48 mil estudantes. A cobrança de mensalidades visa apenas elitizar a Universidade tirando as possibilidades das classes pobres ascender às Faculdades.

POSIÇÃO DO MOVIMENTO ESTUDANTIL LIBERTÁRIO

Do breve estudo, das apreciações supra-citadas imediatamente se nos

desdobram algumas conclusões, que se aprofundadas em suas aplicações práticas nos levariam indiscutivelmente a uma única resposta válida para este impasse: REVOLUÇÃO! SIM, REVOLUÇÃO NO ENSINO!

Para tanto seria necessário:

- 1.º - Tomada de consciência pelos estudantes, professores, intelectuais e o povo em geral, dos reais e graves problemas do ensino.
- 2.º - Luta efetiva visando uma reformulação total do ensino secundário.
- 3.º - Luta para um maior investimento de verbas no ensino, já que a educação é básica para o desenvolvimento.
- 4.º - Melhora imediata dos níveis salariais do professor secundário.
- 5.º - Luta pela criação de novas Faculdades e aumento do número de vagas nas escolas.
- 6.º - Luta para a humanização dos vestibulares.
- 7.º - Campanha para a reforma da Universidade, que deverá ser gratuita e aberta aos mais capazes, independente da classe social a que pertençam.
- 8.º - Luta pela extinção da cadeira vitalícia.
- 9.º - Combate aos acórdos MEC-USAID.
- 10.º - Luta contra a militarização do ensino.

É mais do que necessário que haja um movimento unissono de todos os estudantes em torno de reivindicações válidas.

Lutemos por nossos direitos! Não nos acovardaremos! (riemos a consciência de que sem unidade e luta jamais atingiremos nossos objetivos!

Movimento Estudantil Libertário da Guanabara

Salário Mínimo e Realidade

O assunto do momento que perdura de boca em boca, não são as guerrilhas, nem Cardinales.

Mas sim o aumento do Salário Mínimo. O famoso salário da fome, pelo qual os trabalhadores vendem os produtos do seu suor, para poder levar o pão de cada dia aos seus filhos.

No momento o proletariado exige melhores condições, exige maiores salários, dado que o que ganham não basta para suprir as mínimas exigências, morais e materiais de uma família.

O aumento dos gêneros alimentícios, o aumento dos alugueis, o aumento das passagens, são o prenúncio de um novo salário mínimo.

O trabalhador é o "burro das fabulas" que aparece sempre puxando uma carroça que é o salário mínimo. Está de tal maneira atrelado a esta carroça que por mais que lute não consegue livrar-se dela.

Dizem que o progresso alcançou nos-o país, aqui se fabricam automóveis, aparelhos eletro-domesticos, munições para a guerra, e agora já se fala construir aviões e ainda mais em exploração da energia atômica. Quem é que constrói este progresso? Quem é a base? E quem é o explorado?

Conclusão unânime - o trabalhador.

Se o trabalhador significa tanto para a sociedade, se o trabalhador mantém o atual sistema econômico é justo que seja tratado assim? sem direito a nada, nem salários reais e de acórdo com as necessidades, sem possibilidade de ver seus filhos estudando nas escolas, pois as verbas foram cortadas.

Para o trabalhador, nunca há dinheiro ou compensações materiais,

O pouco que conseguem é as custas de muita luta e muito suor.

Entretanto, os deputados e militares têm seus vencimentos elevados, distanciando-se cada vez mais da escória que é chamada povo.

Povo, eterno abandonado, muitos por ti perderam suas vidas, muitos as perdem. Mas que fazes, acaso te defendes. Não!

Será que o povo do qual fazemos parte, este que sente, diret mente as consequências da falta de recursos, rebela-se? Não!

Pois é orientado no sentido de ser a eterna ovelha do rebanho do senhor.

E quando pedem salário, antes pedem desculpas pela ousadia de pedir. Salário que nada significa, salário que é a vergonha da classe, desta classe que constrói o progresso.

O progresso, que progresso? Por acaso referimo-nos ao progresso social?

Não! de nenhuma maneira, o progresso a que nos referimos são os lucros dos patrões, o lucro da burguesia, que gasta o dinheiro que deveríamos ganhar, em orgias e bacanais.

O trabalhador, operário, bancário ou seja lá o que for, não tem que pedir simplesmente aumento de salário, tem é que exigir dos patrões a divisão inteira dos lucros, equitativamente entre patrão e empregado.

Desta maneira construindo o que chamariamos de nossa emancipação, da emancipação de todos aqueles que trabalham, que ajudam a construir o nosso Brasil. Mas lembrem-nos que a emancipação não se consegue através de políticos podres e demagogos.

Ela se consegue trabalhando e lutando pelo que é nosso, Alfredo

Ronda pelo mundo

CHINA

A Revolução Cultural (um disfarce da luta pelo poder feito para enganar os que apoiam no exterior o regime de Mao Tse-Tung) entrou numa nova fase. De várias cidades da China, chegam rumores fidedignos de violentos choques produzidos entre anarquistas e maoístas. Operários identificados baixo a bandeira do anarquismo, estudantes e professores, constituíram uma organização potente contra a qual, os maoístas, ordenaram sua imediata supressão. Segundo um editor do jornal bolchevique Wen-hui-Pao (Shanghai, 7 de fevereiro de 1968) os maoístas alertaram toda a nação contra essa nova força liberadora que agora põe em perigo o atual regime bolchevique. Esse mesmo editorial foi amplamente difundido pela rádio Shanghai. Trabalhadores anarquistas criticam abertamente as ordens e disposições do governo como inimigos da liberdade (a voz foi ouvida pela primeira vez, desde 1949). Os operários começam a recusar as ordens que recebem de seus superiores nas fábricas. Muitos deles, abandonam seus postos. Uma situação extremamente confusa prevalece na maior parte das fábricas de Shanghai e outras cidades. O sistema de produção é assim desarticulado.

Muitas escolas permanecem fechadas. Alunos e professores, faz tempo que as abandonaram para exercer outras atividades. Chegam informações de violentas lutas urbanas em Canton e Shanghai, entre estudantes e pró-maoístas. As forças de oposição manifestam-se por três tendências: anarquistas, antimaoístas e oportunistas.

De momento não existem sintomas de anarquismo entre as tropas. Se os houvesse no futuro, a guerra civil seria inevitável.

Sabemos de boa fonte que será enviado um delegado chinês ao próximo Congresso Internacional Anarquista de Carrara.

Consequentemente com o que foi divulgado os anarquistas chineses residentes no exterior da China, decidiram a criação da Federação Anarquista da China, nomeado Secretário da mesma, o conhecido companheiro Tien Chung Jou.

INDIA

Importante, que a opinião pública tenha aceitado a disposição oficial de que sejam esterilizados todos os pais de família que tenham mais de três filhos. Isto significa que já chegou às camadas populares a necessidade de terminar com a gigantesca explosão demográfica que o problema da planificação familiar tem conquistado vários adeptos.

É sabido, que a Índia possui mais de quinhentos milhões de habitantes e grande maioria vive em abrigos miseráveis, mal nutridos e doentes. Seus dirigentes políticos fizeram várias campanhas orientadas no sentido de solucionar esta calamidade pública, mas não puderam convertê-las em eficazes pela falta de recursos, de médicos, enfermeiros, dispensários, etc.

É aviltante para eles ter que pedir auxílio persistentes para aplacar às grandes "fomes" quotidianas. Os Ministros também sugeriram que fosse elevada a idade mínima feminina matrimonial de quinze para dezoito anos.

O enfase atual na esterilização obrigatória deve-se à consciência da enormidade do problema por parte do povo hindú. A sugestão do uso dos procedimentos indicados não foi do Ministro da Saúde e Planificação, senão dos Ministros Governamentais reunidos para tratar de assuntos de alimentação, planificação familiar, economia e os fertilizantes.

Um milhão e meio de mulheres adaptaram-se aos anticoncepcionais e uns três milhões de homens ofereceram-se para serem esterilizados.

Esta proposta não foi posta em discussão no Parlamento. Pois, estudam-se os diversos aspectos do problema em foco caso venha ser aprovado. A fiscalização da sua aplicação exige um controle rigoroso em cujo caso poderia fracassar como outras disposições bem intencionadas, como são as as proibições do consumo de bebidas alcoólicas e da discriminação entre as várias camadas sociais.

ISRAEL

Apesar dos quebrantos sofridos pela linguagem idish, o extermínio de milhões que o isolaram, a contínua discriminação que se faz do idioma na União Soviética, e a cruz que sofre pela assimilação cultural no Ocidente, existe ainda uma surpreendente quantidade de publicações libertárias em idish.

Em Nova York, o Freie Arbeiter Stimme (A Voz Livre do Trabalho) vai já por setenta e dois anos de existência. Em Buenos Aires, o Freie Wort (A palavra Livre), e em Tel Aviv, Problem (Problemas), estão entre os que tenazmente continuam publicando-se quinzenalmente e mensalmente.

Em Buenos Aires, a Sociedade Racionalista Judia, tem uma impressionável lista de produções corretas de títulos em idish: Nacionalismo e Cultura, A Juventude de um Rebelde, Revolução e Regressão, A Borrasca e ensaios, de R. Rucker. Assim como obras Malatista e socialistas libertários, hebreus tais como Gordin, Almi e vários outros.

Em Nova York existem boas obras de Bakunin, Kropotkin, Landauer e históricas e reminiscências do movimento operário americano de militantes judeus, tais como Yanowski e José Cohen, os quais são vendidos a preços acessíveis.

É um tributo aos esforços passados e presentes dos libertários de língua idish, diríamos ainda que é bem mais fácil formar uma boa biblioteca no idioma idish que em inglês.

Pronunciamentos Sobre Imperialismo

A 1.ª Conferência dos Socialistas Libertários da América do Sul, denuncia esta forma de expressão do autoritarismo governamental contemporâneo, nas formas que ele assuma.

Tanto o imperialismo governamental - capitalista ou bolchevista - não obstante suas raízes históricas, e seus sistemas econômicos diferentes; têm aspectos comuns e métodos de penetração análogos, nos países que ambos controlam.

O primeiro é a maneira que assume o Capitalismo e o Estado político no momento da penetração financeira e política, nos países submetidos pela prepotência do governo centralizado que, algumas vezes intervem escudando diplomaticamente a seus investidores, outras vezes sufocando os povos na sua economia e outras pela força das armas; ou então penetra sutilmente na sua cultura deformando-a, por exemplo o acórdio Mec-Usaid.

O que a Conferência afirma sobre o imperialismo Cultural não é uma mera apreensão, uma vez que a infiltração Imperialista bilateral já está produzindo um jovem contingente de políticos a seu serviço, seja como estadistas incondicionais para o controle de seus próprios países pelo Imperialismo Yanque, logo que tenham saído das aulas dos EE.UU., e, for sua vez produz também propagandistas fanáticos vindos da Rússia, Pequim ou dos países subjugados a estes.

O Imperialismo bolchevista, traiu a prática do Internacionalismo revolucionário; este não se praticou nas fileiras da III Internacional já que suas idéias radicaram-se ao Estado Russo e a sede dela ficou em Moscou ao serviço das castas burocratas e militares irradiando ordens às suas seções nacionais e aos satélites dos Estados nacionais.

Enquanto o imperialismo governamental capitalista decreta que os pequenos países democráticos de aparente soberania nacional são subdesenvolvidos, para explorar suas matérias primas e sua mão de obra, oprimindo diretamente as colônias e semicolônias, o imperialismo chamado coletivista, autoritário também, decretou que os países da sua periferia ou influência, só poderiam constituir-se em "democracias populares", reservando-se este imperialismo o direito, tanto de controle como de administração ou até mesmo o de repressão violenta, diferindo nêles a prazo indefinido o socialismo e submetendo-os pela pressão econômica e pelas armas.

O nacionalismo é uma expressão reacionária e belicosa, contrária da cultura que é internacional. O nacionalismo é fomentado pelas oligarquias governamentais dos pequenos países, porque lhes permite, amparados nas camarilhas militares, evoluir o povo da administração dos bens e produtos do seu trabalho e da organização humanizada da sociedade.

O imperialismo, por sua vez, competindo nos dois principais bandos - Russo e Americano - pelo domínio do mundo, fomenta o nacionalismo, uma vez que a "sociedade multinacional enfraquece a resistência à sua exploração".

Enfatizar a repercussão econômica e política dos imperialismos nos países a eles submetidos, implica em substar outra forma de penetração na sua cultura.

Os dois imperialismos, produzem uma deformação

cultural que tende à colonização ideológica dos povos do mundo submetido e especialmente das suas aparências ilustradas, fenômeno particularmente notório nas suas juventudes. O norteamericano, através do monopólio e difusão de notícias da imprensa dirigida, de revistas de fundo ou superficial mérito literário; mas envenenadas com chavões propagandísticos do ideal democrático conformista e utilitário; através à introdução nos organismos filiais da ONU, do Congresso para a Liberdade da Cultura e de suspeitos Institutos Culturais e de cooperação que procuram criar a ilusão de paz social americana como fase definitiva da civilização, por meio da introdução de missões de técnicos financeiros e administrativos para arrumar a situação econômica dos países e racionalizar a burocracia fiscal, através da exibição de filmes cuja qualidade e conteúdo mistificam o sentido estético e falsificam a noção dos feitos que procuram os espectadores e ouvintes, através de bolsas de estudo, condicionadas a declarações juramentadas dos bolsistas acatando o pensamento dos governantes yanques em matéria de política, através do efeito psicológico da propaganda e outras formas concretas e desmoralizadoras.

Por sua vez, o imperialismo da Rússia, realiza uma réplica de toda essa influência, especialmente auspiciando e financiando passeios turísticos aos festivais de Moscou e outras capitais dos países de sua órbita, penetrando nos setores, principalmente nas juventudes acomodadas da América Latina, que, de volta dessas mistificações, vem catequizada para realizar campanhas propagandísticas, produto de uma instrução e adestramento dogmático, pessoas que, por reação emocional as transmitem, sem discriminação intelectual sobre a verdade científica, instando as povoações latino-americanas a imitar o modo de vida bolchevista, a defesa incondicional da URSS, e da sua política colonialista e guerreira e a subordinação de todo o pensamento ou ação, afeto ao triunfo de sua nova igreja. Esse é o sentido que inspira seus falsos Congressos pró-paz e defesa da cultura, chegando a aceitar por esses mecanismos grotescos concepções científicas e aberrações na Arte.

Enfim, ambos imperialismos procuram subordinar o movimento sindical e suas organizações da América Latina, às grandes centrais internacionais: CIO (OTI) ou FSM (CTAL), ditando cursos de capacitação, doando fundos e financiando viagens aos dirigentes operários, com o propósito de unir as centrais nacionais destes países, ao aparato governamental, econômico e militar do Estado imperialista ou totalitário.

A Conferência declara que, frente a ambos imperialismos se levanta ativo o socialismo libertário, proclamando a urgência de expressar publicamente a necessidade da luta anti-imperialista em todos os setores em que a propaganda e penetração denunciadas se infiltram e que os libertários e seus simpatizantes devem utilizar toda tribuna que emana cultura para manifestar nossas concepções econômicas, sociais e culturais e que tendem a internacionalização do saber ao serviço da liberdade.

(Resolução da 1. Conferência Sul Americana dos Socialistas Libertários).

ESPAÑA

MAIS UMA CENTENA DE ESTUDANTES DETIDOS NA ESPANHA

As detenções de estudantes multiplicam-se dia a dia na Espanha. Os sucessos na Universidade, iniciados em Madrid, estenderam-se rapidamente para a maioria das Universidades Espanholas... Até a Universidade Geral de Navarra, cuja origem não é segredo para ninguém. Obra do Opus Dei e escola de futuros poderes fizeram boicotes com o pretexto da má qualidade da comida que lhes dão.

Em todas as partes a agitação intensifica-se, adquirindo características bem definidas.

Os estudantes querem liberdade sindical, para organizar-se em sindicatos, livres da tutela governamental e do trabalho da Falange. Querem modificação dos programas que devem ser postos a altura dos que são hoje, em todo o mundo, os estudantes modernos querem uma renovação fundamental das estruturas que regem a Sociedade Espanhola, que permita o emprego, na Mesma Espanha, de todos os jovens que, terminadas as carreiras, vem-se obrigados a expatriarem-se, porque na Espanha não há trabalho nem para os operários, nem para os técnicos.

Como tudo isto não é possível renovar-lo com o atual sistema que rege os destinos da Espanha, que a ditadura desapareça e se abra caminho a um sistema mais liberal e progressista.

Não acreditamos que todos estes jovens vejam, como solução aos males do povo espanhol, uma revolução social, que instaure um regime de socialismo federalista. Muitos só concebem uma troca política sobre a base de um governo que represente garantias de liberdade e democracia para a Espanha. Mas muitos também deixaram este simples estado de ilusionismo político e veem mais longe e mais revolucionariamente.

A divulgação dos conceitos federalismo e socialismo, não lhes assusta; mas ainda muitos estão convencidos de que os problemas econômicos da Espanha não poderão ser resolvidos se não é tomado por base o que foram experiências e realizações da revolução Espanhola nos anos de 1936-39.

Tivemos oportunidade de falar-lhes abertamente e profundamente com bastante deles, cuja consciência vai se formando, na medida que seu olhos se abrem e sua vontade de saber o que aconteceu naquela epo-

"O Antisemitismo é o Socialismo dos Imbecis"

KARL MARX

O mundo é estranho, demasiado estranho... Até o dia 4 de julho do ano que findou, a humanidade presenciou as ameaças e os ataques dos nasserianos e outros imperialistas contra os israelitas. Assassinatos dia a dia, nas fronteiras, bombas contra os trabalhadores e camponeses dos Kibbutz. O mundo não quiz intervir. A Rússia tinha enviado aos países árabes, armas e aviões de guerra dos mais modernos, o mundo não interviu para ajudar os israelitas. Os franceses venderam algum material de guerra e os americanos também. Mas de fato, se os israelenses não tivessem tido armas para defender suas vidas, os dois milhões e meio de judeus deste país já não estariam entre os vivos.

O que segundo a imprensa a serviço de outros interesses e inclusive a "pseudo-idealista", não seria uma tragédia. Quase toda a imprensa do mundo capitalista e do outro, dedicaram-se a atacar aos judeus, ainda que disse um antimarxista chamado Karl Marx, que "o antisemitismo é o socialismo dos cretinos".

As consequências do antisemitismo já são de todos conhecidos. Foram Hitler e Stalin; são os genocídios, os Auschwitz e o Stalinismo, que deram fim na Rússia a língua dos judeus, ou seja o yidish, e antes mais do que nada aos próprios escritores judeus. De tal maneira que só um foi permitido escrever... em russo; o stalinista judeu Ulya Ehrenburg. Todos os autores, poetas e escritores da língua yidish, foram massacrados. Em nome do comunismo. O mesmo que continua a fazer hoje a Rússia nos seus satélites.

Neste Israel, temos dois partidos comunistas; um deles viu claramente que a vitória dos nasserianos não significava outra coisa que a morte de todos os judeus, da mesma forma os comunistas que os anarquistas e os religiosos. Este grupo (Sné e Mikunis) protestaram ante o Kremlin, inutilmente, contra o que se preparava em Moscou e nas capitais árabes. Protestaram sem conseguirem

ca e satisfeita. Inclusive com o orgulho e a beleza que adquirem todas as coisas quando contempladas com visão de perspectiva.

Por mais que o franquismo queira deter essa marcha constante e acelerada em direção a liberdade, não conseguirá parar-la. Trata-se de um movimento indetenível.

extrair às consequências lógicas e dizer a Moscou: Cinquenta anos bastam. Fomos cretinos e idiotas; seguimos os caminhos imperialista de Moscou. BASTA!

Mas estes homens não tiveram a ideia de fazer-lo. Apesar da sua fraqueza e da sua falta de decisão os grupos do Dr. Sné não foram convidados às festas do cinqüentenário da Revolução Russa.

Covidaram somente ao grupo dos que giram em torno da pessoa de Mayer Wilner.

O autor destas linhas já esteve aqui no ano de 1933. Quando então foram a Palestina os Hauranos desde a Síria e os egípcios desde o Egito, e os Iraques e jordanenses, que imigraram a estas terras para ganhar seu pão e encher seus bolsos para poderem comprar suas mulheres.

Com a imigração dos refugiados judeus desde a Alemanha de Hitler, Palestina (Eretz Israel, na história judia) a situação econômica do país melhorou, imediatamente, tirando os árabes desta grandes proveitos; trabalharam e juntaram muito dinheiro.

No ano de 1936, os mesmos árabes fizeram-se nacionalistas e seu ideal foi caçar os judeus da Palestina... e lançar-nos no mar.

Os nacionalistas árabes receberam seu ideal político das mesquitas de Allah; os judeus começaram a defender suas vidas nos lugares que terminavam de construir; os kibbutzianos, estabelecidos aqui faz mais de setenta anos, sua maior parte era de pioneiros refugiados da Rússia anti-semita e do tzar, tão semelhante ao antisemitismo moderno. Os russos do tzar chamaram comunistas aos judeus; e aos "comunistas" soviéticos os chamam de imperialistas, capitalistas, ladrões e contra-revolucionários.

Os revolucionários da Espanha, foram os que nos compreenderam melhor que todos os outros companheiros proletários. Eles sofreram desde o momento que tiveram que deixar suas terras buscando a paz e a liberdade. Franco e Hitler tiveram outros interesses. Israel, como estado comete naturalmente muitos erros, próprios do capitalismo, mas preferimos a Israel tal como é do que a Rússia Bolchevista, que roubou todas as liberdades ao povo russo, assim como aos povos ocupados pelo exército russo. O que interessa aos russos é apoderar-se do Oriente Médio, o que significa área de influência imperialista, petrolífera. Ch. Hochhause Armony

O Angustiante Problema da Habitação

Necessidade sempre essencial é a habitação. E o pobre, o trabalhador, o homem do povo, no Brasil, de maneira quase geral, não reside, não mora, abriga-se, esconde-se, promiscua-se em choças de palha e em ranchos de pau-a-pique, em barracos, em mocambos e favelas, em cortiços e porões. Nem ar nem luz suficientes. Ausência de condições de higiene, formando ambientes propícios ao desenvolvimento de moléstias contagiosas. Promiscuidade forçada, contribuindo para a degenerescência moral e física da grande maioria dos brasileiros.

Enquanto nos arrabaldes onde reside a gente rica, em lindas e confortáveis residências, rasgam-se belas avenidas arborizadas e asfaltadas, ajardinando-se praças com farta iluminação por toda parte, derrubam-se habitações perfeitamente habitáveis, para, em seu lugar, serem construídos luxuosos palacetes, nos bairros onde os trabalhadores são forçados a morar o aspecto é inteiramente diverso.

Nos arrabaldes e subúrbios populares não há água encanada, nem esgoto, nem iluminação, nem limpeza pública. O que há é poeira ou lama, sujeira, água servida correndo pelas ruas esburacadas, há, enfim, falta absoluta de higiene e de qualquer conforto.

Não constitui isso um contraste chocante denunciando uma injustiça clamorosa? Sem dúvida sim.

Essa injustiça deve, portanto, ser enfrentada decativamente, para que tenha pronta solução. Como? Voltando-se a atenção de quem isso compete também para esses bairros abandonados. Estendam-se até eles as canalizações de água e esgoto e os fios de iluminação, pavimentando-se suas ruas, abram-se praças ajardinadas, façam chegar até lá as carroças da limpeza pública.

É preciso que se lembrem de que o povo também é gente - e gente que trabalha e produz, e que paga impostos, que, enfim, é parte ativa da coletividade, tendo o direito, pois, a uma vida decente a que o seu esforço faz juz.

Precisa, desde logo, de casas para morar, de habitações, modestas que sejam, mas cômodas e higienicas. E não se alegue que seja um problema de difícil solução. Como para os apatcados a solução é encontrada? Os grandes arracéus, os palacetes, as ricas vivendas multiplicam-se incessantemente. Pois que se construam igualmente habitações para o povo, que é quem constrói a moradia dos ricos.

Não existem dentro das cidades e de suas periferias terrenos baldios? Não há, igualmente, capitais vultosos acumulados nos bancos, para construções suntuosas?

Pois que se ponha já, mas sem demora, toda essa fortuna imensa em atividade na construção de bairros residenciais, em habitações para o povo, por toda a parte.

Nessa obra poderão ser ativadas cooperativas formadas por engenheiros, operários da construção civil, oleiros, por todos aqueles, enfim, que contribuem para as construções, incluindo os próprios inquilinos, que cobrirão o custo das casas em prestações mensais.

Poder-se-á, ainda, estabelecer que

a cada arranha-céu construído corresponda o compromisso da construção de uma certa percentagem de casas populares.

Tudo prático, simples, justo e exequível.

Mas nada se fará sem a intervenção direta dos interessados, dos inquilinos, do povo, que nada poderá esperar de quem quer que seja - da buro-

cracia parlamentar e governamental ou de partidos políticos.

O problema da habitação somente poderá ser resolvido pela ação popular, direta, ativa e incessante, organizando-se o povo em ligas de inquilinos e consumidores, de ruas, ampliando-se por quarteirões, bairros e cidades e agindo em cooperação com os sindicatos operários.

Dessa forma, se prestará uma contribuição para a possibilidade da plenitude da vivência baseada no solidarismo social, na qual, dentro da solução normal do problema da habitação, corresponderá à condição de produtor o direito irrecusável a uma habitação construída na medida das Possibilidades Coletivas.

Psicanálise da Sociedade Contemporânea

As obras de Erich Fromm encontraram ampla difusão no Brasil graças ao modo claro e conciso de expor os mais intrincados temas, como também a posição de vanguarda que ocupa como pesquisador social. Do livro *Psicanálise da Sociedade Contemporânea* extraímos as seguintes afirmações:

1. - A adoração de ídolos, o culto idolátrico de Deus, o amor idolátrico a uma pessoa, a adoração de um chefe político, do Estado e o culto idolátrico as exteriorizações das paixões irracionais - constitui o processo de alienação.
2. - O culto do Estado só poderá desaparecer se o homem tornar a incorporar em si mesmo os poderes sociais e estruturar uma comunidade em que seus sentimentos sociais não seja algo agregado a sua existência privada, porém em que sua existência privada e social seja uma mesma coisa.
3. - Somente quando o homem logre desenvolver sua razão e seu amor mais do que até o presente, só quando possa organizar um mundo na base da solidariedade humana e de justiça, só quando possa sentir-se enraizado num sentimento de fraternidade universal, terá encontrado uma forma nova e humana de fixação, terá transformado seu mundo em uma pátria verdadeiramente humana.
4. - O fascismo, o nazismo e o stalinis-

mo são regimes que constituem o cumulo da alienação.

5. - A idéia marxista de que o socialismo levaria ao debilitamento do Estado e a desaparecimento gradual das classes sociais mostrou-se falsa. A realidade é que o poder do Estado e as diferenças de classes sociais são maiores na Rússia que em qualquer país capitalista.

6. - Ainda que pareça paradoxal, o desenvolvimento leninista do socialismo representa uma regressão aos conceitos burgueses do Estado e do poder político, e não o novo conceito socialista, que expuseram mais claramente Oweá, Proudhon e outros.

Depois III

que farei depois que o sol se esconder lá na distância?
que a amiga se for,
perdendo-se lá longe?

(dylan canta no gira-discos, como a quatro meses atrás, como no dia em que fiz um poema que só a amiga entendeu...)

que farei depois que meus companheiros morrerem guerrilhando,
e eu estiver só,
completamente só,
com o corpo cansado e o espírito longe?
que farei com minha metralhadora?
pendurei na minha alcova,
na parede dos troféus?
continuarei na guerrilha?
pedirei ajuda aos campônios?
retornarei de cabeça baixa,
vencido?

não eu não quero ir para a guerrilha,
já possuo opinião formada:
guerrilha tentativa inútil.

não vou trocar minha voz,
que grita meus poemas,
por uma metralhadora,
que grita a morte em nome de liberdade!
a amiga disse que "qualque tentativa agora é inútil".
sou poeta e este é o meu chão.
se um dia o povo me chamar,
escreverei o que ele disser,
e que os outros se rebentem nas matas, na selva,
o meu povo precisa de líderes
e não de cadáveres de homens sem glória!
não quero tornar-me numa ferida por uma "napalm",
daqui eu verei tudo,
daqui escreverei tudo.

nós estamos na idade contemporânea,
e não na idade média.
é chegada a hora de olharmos para o cérebro.

chegou o tempo da meditação,
da conscientização,
companheiros!

JOSÉ LIBERDADE

O protesto

idéias, crítica e combate

ANO I - NÚM. VI

ABRIL - 1968

PREÇO: NCR\$ 0,20

Cooperativa Sem Lucros

Os trabalhadores têm ao seu alcance diversos meios de ação para alterar sempre e em todas as circunstâncias, a situação que lhes é desfavorável. Reivindicando direitos ou tomando-os simplesmente pela adoção de sistemas de vida que modifiquem, pouco que seja, o seu atual estado econômico, estarão destruindo a escravidão social e as algemas que o Governo ou Estado político e, o Capitalismo impediosamente lhes aplicam.

Não há necessidade, para isso, de violência ou sangue, de convulsões brutais, nem se trata de destruição material de algo que, ruindo, possa destruir a vida. Tem prejudicado muito a causa libertária o conceito de violência ou desordem, atribuindo aos seus princípios, com evidente má-fé, pelos adversários. A ão Direta não é necessariamente ação violenta. Ação Direta é ir direito ao fim, pelos caminhos iluminados, pelos meios limpos, isentos de colaboração suspeita.

A figura simbólica dos punhos que se separam rebentando as algemas é sugestiva, mas é sempre simbólica. Traduz um esforço necessário à libertação do indivíduo, e esse esforço realiza-se pela inteligência, pela ação constante dos mais capazes, pelo esclarecimento diário dos que desconhecem o seu próprio valor e permanecem atados aos preconceitos das leis, isto é, da bruta autoridade, do dinheiro, do patrão e da propriedade.

É certo que a emancipação dos trabalhadores produzirá um abalo tremendo em outras camadas sociais. Mas não vedará a ninguém o direito de subsis-

tir, desde que se situe cada indivíduo no seu papel natural de integrante de uma comunidade produtora e livre. Propaganda e a ão confundem-se na mesma finalidade. Uma é início de ação, a outra é o seu complemento e continuação. Os trabalhadores são submetidos aos efeitos da propaganda, que os esclarece, exercida pelos elementos difusores da cultura libertária, e devem transformá-la em ação, direta e imediata, em todas as oportunidades e por todos os meios.

A sociedade libertária baseia-se na livre associação e cooperação dos indivíduos, segundo as suas tendências, inclinações ou interesses comuns. Logo, os trabalhadores, associando-se livremente por classes, em sindicatos, para discussão, estudo e defesa dos seus interesses econômicos, para organização profissional e especialização técnica, estarão agindo certo e trilhando um caminho direto. O sindicalismo libertário é um meio de ação coletiva.

Um operário que, graças a peculiaridade do seu trabalho, pode instalar-se em sua própria oficina libertando-se do patrão, estará dando um passo no artesanato livre, possível em brião de uma associação de pequenos produtores cooperando com o sistema fabril de técnica avançada. É um meio de ação individual.

As cooperativas de consumo, tirando-se delas o objetivo de lucro, podem ser também um elemento de grande utilidade para os trabalhadores. Urge porém, modificar as suas bases, para que o consumidor não se transforme, por sua vez, em beneficiário do lucro. Este,

agravando o preço dos produtos, sem lhes acrescentar nenhum valor, alimenta a classe parasitária dos intermediários. Nada o justifica, a não ser o arbítrio da propriedade.

Quem compra os artigos susceptíveis do comércio torna-se dono e abusa da propriedade para elevar-lhes o valor da troca.

Os trabalhadores podem organizar cooperativas de distribuição, emancipando-se dessa exploração econômica. Abolindo, porém a prática da elevação de valores, eliminando-se o lucro, que é sempre antinatural. Cooperativas de distribuições de associações do artesanato livre formariam um pequeno sistema social prático de características O cooperativismo é um meio de ação coletiva.

A ação doutrinária e cultural do socialismo libertário deve apoiar-se em todos os meios de ação direta, e são meios de ação direta os que levam o trabalhador por seus próprios recursos profissionais e de sociabilidade, ao bem estar, a liberdade e ao convívio fraternal.

LEIA

"DEALBAR"

Um Jornal Libertário

Subscrições:

Rua Rubino de Oliveira, 85
(Braz) - São Paulo

Pesquisas para a História das Lutas Sociais no Brasil

Pede-se a todos os leitores do nosso jornal, que tenham jornais, folhetos, livros, atas de reuniões, manifestos, cartas e fotografias de comícios, congressos e reuniões, do movimento anarco-sindicalista, anti-clerical, socialista e de teatro social (aqui se compreende teatro feito pelos operários e anarquistas) que queiram ceder ou vender, escrever ou enviar para E. Rodrigues, Cx. Postal, 62 - Agência da Lapa - Rio de Janeiro - GB.

AVISO IMPORTANTE

Tôda a correspondência, assim como valores e pagamentos, destinados à nossa Administração, devem ser endereçados à

Maria Pinto Fernandez Rodriguez
Rua Garibaldi, 1101 - Caixa Postal, 2585
P. ALEGRE - (R. G. do Sul)